

CORREIO NO MUNDO



Dilu/ Wikimedia Commons

Nova York vive onda de segurança

Segurança em Nova York bate recorde positivo

A cidade de Nova York completou mais de uma semana sem registrar novos homicídios, informou o jornal americano Daily News. O último caso conhecido ocorreu em 24 de novembro, quando Lev Vayner, 80, foi morto a facadas dentro de seu apartamento.

O suspeito, Alon Riabichev, 45, que estava hospedado no local a convite de Vayner, ligou para o serviço de emergência por volta das 3h15 e confessou o crime, segundo promotores. Ele foi acusado de homicídio.

Horas antes, um homem de 23 anos havia sido morto a facadas e espancado com um taco de beisebol perto da Times Square. Daevon Silva foi atacado por três homens, por volta de 1h05, de acordo com a polícia. Ninguém foi preso.

A sequência sem homicídios não considera casos anteriores que possam ter sido reclassificados desde 24 de novembro, embora esses registros entrem na base de dados do departamento de polícia local. Em janeiro, a cidade passou cinco dias sem nenhum disparo -fatal ou não-, o período mais longo do tipo em 30 anos.

Violência segue em baixa

A cidade registra neste ano níveis historicamente baixos de assassinatos e tiroteios. Nos 11 meses, houve 652 episódios com arma de fogo, com 812 feridos, segundo o departamento de polícia. No mesmo período do ano passado, foram 843 ocorrências, com 1.025 mortos ou feridos -queda superior a 20%. O mês de novembro também foi um dos mais seguros já registrados, com 16 assassinatos, igualando o recorde anterior, de 2018.

Kremlin via Wikimedia Commons



Maduro e Donald Trump tiveram conversa por telefone

Maduro confirma ligação telefônica com Donald Trump

O ditador da Venezuela, Nicolás Maduro, confirmou que conversou com o presidente dos EUA, Donald Trump, no dia 23 de novembro. A ligação havia sido reportada pela imprensa americana e foi confirmada por Trump no último domingo (30). "Conversei com o presidente dos EUA, Donald Trump. Posso dizer que a conversa foi em tom de respeito", disse Maduro na quarta. "Inclusive, posso dizer que foi um diálogo cordial entre o presidente dos EUA e o presidente da Venezuela". "Que seja bem-vindo o diálogo, a diplomacia, porque sempre buscamos a paz", disse o ditador venezuelano.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Índia I

Vladimir Putin iniciou na quinta (4) uma simbólica viagem de dois dias à aliada Índia. Em entrevista prévia a uma TV indiana, Putin defendeu o colega Narendra Modi da pressão que ele sofre de Trump para não comprar petróleo da Rússia. "Eu acho que a Índia tem de ter o mesmo privilégio dos EUA", disse Putin.

Índia II

Trump elevou em agosto de 25% a 50% as tarifas de importação de produtos indianos pelos EUA para que Modi, nas suas palavras, parasse de financiar a Guerra da Ucrânia. Até aqui, não foi muito eficaz apesar de alegações americanas do contrário, até porque Nova Déli compra 40% do petróleo que consome dos russos.

Índia III

O russo quer, além de garantir o fluxo de petróleo para a Índia, que decuplicou seu consumo e tornou-se a segunda maior compradora da commodity com os descontos generosos devido à guerra, retomar o papel de grande fornecedor militar de Nova Déli.

Recentemente, o país asiático investiu em caças franceses.

Índia IV

Agora, Vladimir Putin tem como meta emplacar o modelo de quinta geração Su-57, que só teve uma pequena venda externa até aqui, além de mais sistemas antiaéreos S-400. O arrendamento de um submarino nuclear de ataque por US\$ 2 bilhões está na mesa também.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Drone Kamikaze I

A nova arma dos EUA no teatro de operações do Oriente Médio, onde o Irã é o centro das atenções de Washington, é um drone kamikaze copiado de um modelo iraniano. O Cetcom (Comando Central das Forças Armadas dos EUA), responsável por ações no Oriente Médio, anunciou a abertura do primeiro esquadrão.

Drone Kamikaze II

Drones passaram a ser tratados como prioridade nos EUA em julho desse ano. Para ganhar tempo e economizar dinheiro, o modelo escolhido pelos fardados foi o Lucas, outro acrônimo inglês para Sistema de Ataque e Combate Não Tripulado de Baixo Custo, desenvolvido pela empresa SpektrWorks.

Por Igor Gielow (Folhapress)



Vladimir Putin endureceu posição da Rússia na reunião com os enviados de Donald Trump

Putin é irredutível nas negociações

Reunião com enviados de Donald Trump terminou com parecer favorável aos russos

O presidente da Rússia, Vladimir Putin, endureceu ainda mais sua posição em relação às negociações para chegar a um acordo que encerre a Guerra da Ucrânia, maior conflito em solo europeu desde 1945.

Segundo relato feito à reportagem por duas pessoas com conhecimento do assunto em Moscou, a reunião de cinco horas do russo com o negociador americano Steve Witkoff e o genro de Donald Trump Jared Kushner serviu para que Putin rejeitasse quaisquer concessões a Volodimir Zelenski.

A dupla enviada pelo presidente americano tentava uma solução de consenso para a terceira tentativa de Trump de acabar com a guerra. Na campanha que o levou de volta à Casa Branca, o republicano prometeu encerrar o conflito em 24 horas.

A proposta era uma revisão do texto com 28 pontos montado por Witkoff e pelo negociador russo Kirill Dmitriev, que estava ao lado de Putin e do assessor presidencial Iuri Uchakov no encontro encerrado na madrugada desta quarta-feira (3).

Pelos poucos detalhes disponíveis, ela retirava os itens que não tinham ligação com a guerra em si, como selar a paz entre a Rússia e a aliança ocidental Otan, e amenizava as demandas russas atendidas em quase toda sua totalidade no primeiro documento -que Putin nunca chancelou como seu.

De acordo com os relatos ouvidos pela reportagem, o presidente rejeitou todas as ideias mais favoráveis a Kiev, como a negociação territorial a partir das linhas de batalha atuais -o que deixaria cerca de 15%

da vital área de Donetsk ainda sob controle ucraniano.

Além disso, Putin insinuou aumentar seu pedido inicial por terras do vizinho, que numa minuta oficial em junho incluía só as quatro províncias que anexou ilegalmente em 2022: Donetsk, Luhansk, Zaporíjia e Kherson.

Ele mencionou, segundo o relato, os recentes ganhos militares na região de Kharkiv, no norte do país, visando estabelecer o que ele chama de área de segurança -um tampão isolando o local do sul da Rússia, que Zelenski chegou a invadir por oito meses. É uma região que a elite russa considera sua.

Com efeito, o único comentário do Kremlin sobre detalhes da reunião, feito por Uchakov, enfatizava a diferença de visões sobre questões territoriais. O porta-voz Dmitri Peskov apenas negou que o chefe tivesse rejeitado o plano como um todo, dizendo que as negociações continuam.

Outros dois pontos citados como inaceitáveis na conversa foram a manutenção da possibilidade de a Ucrânia ingressar na Otan no futuro e o emprego de parte das reservas russas congeladas no exterior, objeto de uma ofensiva da União Europeia nesta quarta, para reconstruir a Ucrânia.

Segundo agências de notícias, Witkoff e Kushner relataram a conversa a Trump na tarde desta quarta. Os observadores russos consultados dizem que a impressão no Kremlin é de que eles ouviram, anotaram e iriam passar o recado. Houve pouca contestação além da apresentação dos pontos em si.

Igor Gielow (Folhapress)